

# LITERATURA E MULTIMEIOS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Eric Zorob<sup>1</sup>  
Geruza Zelnys de Almeida<sup>2</sup>

*Resumo:* O artigo discute o ensino da literatura aliado ao aprendizado das linguagens multimídias e apresenta uma atividade realizada com alunos do Ensino Médio, fundamentada em teóricos da literatura, semiótica e comunicação: a tradução de músicas em videoclipes.

*Palavras-Chave:* Literatura, Multimeios, Educação, Ensino.

*Abstract:* The article discusses the teaching of literature allied to the learning of multimedia languages and also presents an activity undertaken with secondary level students based on theories of literature, semiotics and media studies: the translation of music into video clips.

*Key Words:* Literature, Multimedia, Education, Teaching.

## INTRODUÇÃO

Apesar da quantidade e da qualidade de artigos de análise e crítica literária publicados no meio acadêmico, o ensino da literatura, nos níveis fundamental e médio, precisa urgentemente de uma revisão que leve em conta sua especificidade artística. E, para isso, os professores devem estar qualificados para compreender e desenvolver projetos pedagógicos dentro dessa perspectiva.

Também o fato de vivermos a era da imagem, da economia verbal, do signo visual, influencia a maneira como lemos: submetemo-nos à sedução da visualidade que tem sua porção tátil tão ilusoriamente próxima. Entretanto, embora alguns digam o contrário, as múltiplas linguagens dos multimeios e, em especial, a Internet podem ser ferramentas eficazes no ensino da literatura e na difusão da leitura entre crianças e adolescentes.

Dessas reflexões surgiu o interesse em investigar o trajeto palavra-imagem numa tentativa de “ressensualizar” a leitura literária entre alunos do Ensino Médio, comprovando sua carga imagética por meio do trabalho de tradução. A tradução, enquanto recriação, potencializa a compreensão dos elementos literários e desenvolve uma postura ativa frente à aquisição do conhecimento.

Assim, iniciamos nossa investigação propondo um diálogo entre os conceitos de “literariedade” e “tradução”, transpondo-os ao universo dos multi-

---

<sup>1</sup> Especialista em Comunicação Social; Departamento de Jornalismo, Fundação Cásper Líbero, São Paulo. Endereço eletrônico: ericzorob@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura e Crítica Literária, Departamento de Literatura e Crítica Literária – PUC-SP. Endereço eletrônico: geruzazelnys@terra.com.br.

meios, cuja conceituação é feita a partir das contribuições teóricas de Arlindo Machado e Lúcia Santaella, principalmente. Para validar essas questões de ordem teórica, apresentamos um projeto realizado com alunos do Segundo Ano do Ensino Médio, do Colégio Laranjal, na cidade de Laranjal Paulista, interior de São Paulo, intitulado “As mulheres de Chico”.

## 1 LEITURA, LITERATURA E MULTIMEIOS: UMA QUESTÃO DE TRADUÇÃO

A compreensão da especificidade literária reside no conceito de literariedade, ou seja, a qualidade que difere o texto coloquial composto por *signos-para*<sup>3</sup>, do texto literário composto por *signos-de*. Os *signos-para* são aqueles que remetem a algo fora do texto, já os *signos-de* remetem ao próprio texto, à construção ou organização do material vocabular em obediência a certos procedimentos.

Entre os procedimentos literários, o principal é dar à função poética lugar de domínio<sup>4</sup> no texto, assim, a mensagem volta insistentemente para si mesma, fazendo com que o leitor busque o texto novamente e novamente, sem o intuito de extingui-lo pela interpretação, mas de perdurar sua eterna “novidade” e seu “desejo” pelo desejo do leitor — para unir num pensamento Pound (1970, p. 32) e Barthes (1999, p. 11). Dessa maneira, o texto literário não se dilui, ao contrário, se fixa como uma imagem, ou seja, uma construção sedimentada que não pode ser dita de outra forma que não aquela na qual se apresenta.

Sobre essa questão detêm-se os grandes estudiosos da literatura, de Peirce (1996) e o caráter icônico do texto artístico a Bakhtin (2000) e o discurso como “imagem de linguagem”. Isso porque a imagem diz-se a si própria e é idêntica a si mesma, isto é, trata-se de uma presença capaz de “suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós” (BOSI, 2000, p. 19). Nesse sentido, a literatura constrói imagens e o leitor competente as recria em sua leitura.

É, portanto, a literariedade que deve ser destacada no ensino da literatura, já que ela seqüestra e encanta o leitor. Mas, isso só é possível à medida que se põe em evidência o processo e os enigmas de construção da imagem poética. Quando o leitor compreende esse processo, ganha a chave da leitura

---

<sup>3</sup> Conceito formulado por Charles Morris e posteriormente retomado por Pignatari (1987, p. 17).

<sup>4</sup> Jakobson (1983, p. 485) define dominante como o “centro de enfoque de um trabalho artístico: ele regulamenta, determina e transforma os seus outros componentes. [...] É ele que torna específico o trabalho”.

do texto literário e isso o coloca numa posição parecida com a do autor: a de tradutor.

Quando se fala em tradução, é comum pensar na reescrita de um texto para outro idioma. Entretanto, a tradução vai além disso, já que a própria interpretação é um avançado sistema tradutório no qual se substitui uma série de palavras estruturadas por outras palavras e/ou estruturas que garantam maior proximidade com o sentido original. Assim, quando propomos a tradução como método para o ensino da literatura, apenas tornamos visível um processo natural do ser humano.

Mas, o trabalho de tradução se aperfeiçoa ainda mais quando utilizadas as potencialidades dos novos suportes ou quando utilizados outros e variados meios, diferentes do texto original. Essa tradução não literal foi chamada de transcrição pelos irmãos Campos que aproximam o tradutor do transfigurador, ou seja, daquele que transforma a figura, recriando-a:

tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por signo icônico aquele “que é de certa maneira similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se, pois, no avesso da chamada tradução literal (CAMPOS, 1992, p. 35).

Também Valéry concorda que a tradução consiste em “produzir com meios diferentes efeitos análogos” (apud PAES, 1990, p. 40). Assim, a arte de traduzir é dar nova forma a algo que já existe, ou seja, interiorizar algo exterior, desmontá-lo, recompô-lo e devolvê-lo ao mundo em novos signos. Nesse sentido, pode-se dizer que o produto da tradução é outro apesar de guardar dentro de si aquele que o originou: dentro da obra recriada ouvem-se os ecos da original, ecos que não são repetição, mas imagens análogas e aproximativas.

Toda essa operação é muito semelhante à criação, senão idêntica (PAZ, 1999), afinal a recriação exige uma postura crítica e criativa perante o objeto pronto e, acima de tudo, a disposição para o trabalho analítico e sintético. Como se vê, nesse processo tradutório, se estabelece uma relação de co-autoria entre tradutor e autor da obra traduzida.

O produto da tradução, por sua vez, torna-se mediação, pois convida-nos à leitura do original e à investigação das soluções encontradas para recriar as comparações por semelhanças ou dessemelhanças dos grandes textos. A-

lém disso, quando trazidas para o suporte hipermídia, essas produções potencializam a leitura e o interesse pela literatura, auxiliando no ensino por meio da interatividade, da socialização da experiência criativa-criadora e da inclusão digital.

Como propomos no início do artigo, o texto literário também se configura como uma imagem e, sendo assim, dialoga muito tranquilamente com os multimeios, além de encontrar boa acolhida na Cibercultura. Quando falamos em multimeios, nos referimos a todo meio que integre imagem, som, animação e texto em um único canal. Por isso, a leitura dos multimeios exige o conhecimento de outras linguagens que não apenas a escrita, mas a linguagem dos audiovisuais, da fotografia, da fonografia, das mídias eletrônicas e, principalmente, do plurilingüismo que os compõem.

Sendo um hipertexto por excelência, já que composto por um “conjunto de nós ligados por conexões” (LÉVY, 1993, p. 17), o texto literário se potencializa ainda mais no ambiente hipermidiático e com os recursos dos multimeios. Entretanto, não é fácil para o aluno entender que literatura é imagem, afinal ele está acostumado com a visualidade colorida dos *out-doors*, da televisão, do computador e no texto ele só encontra palavras: palavras e silêncios assustadores porque preñhes de significado. Junto a isso, há o fato de a literatura, ensinada na escola, servir quase que exclusivamente ao ensino da língua, ou seja, o artístico sai de cena para dar lugar ao puramente utilitário e, paradoxalmente, ensinar normas por meio da subversão poética.

Essas considerações levam-nos a crer que a falta de interesse pelo literário está associada à dificuldade de des-cobrir as imagens que se escondem sob a fina pele das palavras, ou melhor, transformar palavras em imagens. O mundo fala por imagens visuais que — diferente da palavra escrita, a qual pede o encontro voluntário com o leitor — saltam sobre o indivíduo ignorando seu arbítrio e impondo-se sedutoramente sobre o olhar. Essa superexposição, inevitável obviamente, mascara o trabalho de criação e torna menos desejável — porque mais exigente — ler literatura.

## **2 UMA EXPERIÊNCIA TRADUTÓRIA: PALAVRA-IMAGEM**

Há no conteúdo disciplinar do segundo ano do Ensino Médio uma unidade destinada ao tema mulher em diferentes períodos literários e, para complementá-la, propomos aos alunos o projeto “As mulheres de Chico” visando à produção de videocliques para canções do cantor e compositor Chico Buarque de Hollanda. A escolha ampara-se na representatividade de Chico no cenário artístico, a qualidade literária de suas produções e o tratamento dispensado à figura feminina em sua obra poético-musical. Soma-se a isso, o pouco acesso

dos adolescentes à música popular brasileira de qualidade e a necessidade da escola fazer esse tipo de mediação.

O trabalho com audiovisual, por sua vez, justifica-se pela pluralidade de linguagens que compõem esse formato híbrido. Ao se dedicar à produção de um videoclipe o aluno

opera com códigos significantes distintos, parte importados do cinema, parte importados do teatro, da literatura, do rádio e, mais modernamente, da computação gráfica, aos quais acrescenta alguns recursos expressivos específicos, alguns modos de formar idéias ou sensações que lhe são exclusivos. (MACHADO, 1997, p. 190).

Os alunos empolgaram-se de imediato com a proposta que lhes proporcionou a oportunidade de trabalhar com novos recursos e tecnologias que estão inseridos no cotidiano, porém, na maioria das vezes, fora do ambiente escolar. Apesar da empolgação, o trabalho não foi simples, pois exigiu muita disciplina, dedicação, além de novas e específicas aprendizagens já que um videoclipe é o resultado da manipulação da música, da letra e da imagem que, juntas, precisam produzir um todo sonoro-imagético carregado de sentido.

O projeto teve duração semestral e o objetivo principal de estimular a leitura do texto literário comprovando sua carga imagética, além de integrar o leitor a um mundo escrito em diversas linguagens. Para isso, seguiram a apresentação do projeto: a formação dos grupos de trabalho; a seleção das músicas, que ficava a cargo do grupo e tinha como único quesito referir-se à figura feminina; a apreciação, leitura e discussão das músicas entre os integrantes do grupo. Depois desse momento inicial, fizemos reuniões de orientação de leitura (encontros individuais com os grupos para discutir possibilidades para o roteiro e sugerir leituras de apoio).

Nas orientações é que se concentra a parte mais importante e fundamental do trabalho, ou seja, são nelas que se apre(e)nde a especificidade poética e as diretrizes do processo tradutório e transcriador. O aluno analisa a canção, depois a letra, verso a verso, relacionando com o sentido e a atmosfera geral da música, levando em conta o ritmo, a interpretação do cantor e tudo que possa servir de referência à tradução imagética. Nesse trabalho analítico se dá o encontro com a literariedade, a descoberta do processo de construção poética, possível apenas nos exercícios de releitura do texto literário. Essa etapa, portanto, é que dará os subsídios para a seleção e/ou produção das imagens que acompanharão a música e que precisam, também, apresentar qualidade artística, ou ainda, uma certa poeticidade nas imagens.

É importante que o aluno compreenda que uma imagem visual também é um texto e, por isso, tem autonomia. Portanto, não se deve esperar que a

imagem represente fielmente a palavra, mas sim que dialogue com ela, ampliando, sugerindo ou mesmo questionando o sentido contido na letra. É o que diz Oliveira (1998, p. 65): “uma ilustração adequada jamais é a história do texto. A sua perenidade na memória da criança será melhor obtida quando o ilustrador materializa na imagem aquilo que é inexprimível pela palavra”.

No videoclipe de “A Rita”<sup>5</sup>, por exemplo, os alunos conseguiram captar essa idéia ao sobrepor a imagem de um garoto sorrindo e sem dentes ao verso “a Rita levou meu sorriso”. Sabe-se que Rita, ao partir, leva tudo embora (sorriso, assunto, planos, engano, coração), ou seja, leva tudo aquilo que faz dele um homem como se, de certa forma, o castrasse. Essa castração, que não é percebida racionalmente pelos alunos, é intuída pelos recursos literários e fica materializada na imagem utilizada no audiovisual. O que é um sorriso sem dentes? O que é uma boca sem dentes? O vazio deixado por Rita recebeu uma leitura visual tão poética e carregada de sentidos quanto à construção escrita.

Porque toda imagem é um recorte, há a necessidade de discutir exaustivamente e preparar um roteiro adequado ao que se espera como recriação. É um trabalho que desenvolve habilidades específicas de compreensão, competência leitora e interpretativa, além de, ao valorizar a refacção do roteiro, desenvolver a mobilidade do pensamento e a capacidade de deslocar-se criticamente frente ao pronto e acabado. Soma-se a isso, a valorização da relação aluno-professor e do próprio conceito de orientação e sua implicação na vida escolar e pessoal do adolescente.

Sendo assim, somente após a orientação e aprovação do roteiro, seguiu-se a confecção do trabalho: seleção e montagem da iconografia, ou seja, do conjunto de imagens que representariam a mensagem desejada, observando cortes, sobreposições, efeitos cromáticos, tudo enfim que preservasse a qualidade literária da música. Para essa etapa prática do trabalho, os alunos receberam informações sobre as especificidades dos suportes e dos materiais selecionados pelos grupos nas suas produções: o uso de câmeras fotográficas para a produção de fotografias ou a seleção de imagens prontas no site de pesquisa [www.google.com](http://www.google.com), bem como sobre o funcionamento do programa Movie Maker, disponível no ambiente Windows, onde seria feita a montagem do videoclipe.

Evidentemente, também nos foi necessário aprender a utilizar essas tecnologias e linguagens, pois nunca havíamos feito um trabalho como esse e, por isso, foi uma surpresa quando conseguimos finalizar a recriação de *Tracema Voou*<sup>6</sup>. Para confecção do que seria o clipe-piloto, trabalhou-se com foto-

---

<sup>5</sup> Para ver, acesse: <http://video.google.com/videoplay?docid=-8587890169084018637>.

<sup>6</sup> Para ver, acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=2v7flpB-H-s&mode=related&search>.

grafias selecionadas no [www.google.com](http://www.google.com), modificadas em Photo Paint e com grafismos que retomavam poemas concretos, mantendo no audiovisual a intertextualidade proposta na canção. Para representar iconicamente Iracema, a índia brasileira, utilizou-se uma pena pintada de verde e amarelo.

A montagem do videoclipe, ou seja, a justaposição das imagens é um processo que requer a habilidade de sustentar a duração de uma imagem no tempo dependendo do ritmo, dos próprios efeitos especiais utilizados ou, ainda, do movimento da câmera quando se trata de uma imagem fílmica. Esse tipo de trabalho amplia habilidades perceptivas relacionadas ao espaço-tempo, isto é, a ordem temporal dos acontecimentos no espaço real ou ficcional (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 77).

Alguns grupos trabalharam com o formato de slides, justapondo e sobrepondo fotografias numa determinada seqüência; outros grupos trabalharam também com imagens filmadas em câmeras fotográficas digitais; outros utilizaram ainda elementos gráficos ou tipográficos na produção final, tudo na tentativa de apreender, manter e recriar a qualidade literária das músicas de trabalho.

João e Maria<sup>7</sup>, videoclipe com mais de 800 visualizações em dois meses na Internet, pode ser visto como uma obra de arte que só acresce sentidos à obra original em letra e música. As sutilezas na representação de um amor a princípio ingênuo e que evolui para uma relação adulta são surpreendentes. A sexualidade, em estado latente na infância, é representada nas imagens do lençol vermelho, nas brincadeiras de roda e de pega, na tomada do encontro que soube preservar a intimidade da relação sexual.

Em História de uma gata<sup>8</sup>, outro bom exemplo, o aluno também soube manter a linguagem de fresta do autor ao iludir o espectador com imagens de lindos gatinhos e deixar nas entrelinhas — ou melhor, nas “entrefotos” — o conteúdo político e subversivo da canção escrita para peça *Os saltimbancos*, dita infantil.

Entretanto, por mais variedade e disponibilidade de opções encontradas nos recursos tecnológicos, muitas vezes é quase impossível dar conta da riqueza vocabular e da poeticidade da obra literária. Daí a necessidade de incentivo constante às criações para que o grau de exigência do professor não os desanime do projeto.

O grupo que traduziu Outros Sonhos<sup>9</sup>, por exemplo, comentou sobre a dificuldade de encontrar imagens que se aproximassem da carga de significa-

---

<sup>7</sup> Para ver, acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=9S959URf1o4>.

<sup>8</sup> Para ver, acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=tLajDrSqdlI>.

<sup>9</sup> Para ver acesse: <http://www.youtube.com/watch?v=Lls9anDRns0>.

dos encontrados na canção. A música exigiu que as alunas construíssem e manipulassem imagens no computador (Photoshop) para adequá-las à riqueza poética de Chico Buarque, suas antíteses e paradoxos como “fogo gelar”, “neve ferver”, “lunar ao meio-dia”. Uma solução interessante para representar a figura feminina, neste trabalho, foi a utilização da imagem de uma rosa que, além de estar presente em muitas canções de Chico, possui características tão paradoxais quanto sugere a letra (beleza/efemeridade, fragilidade/força, fechada/aberta).

A classe de 31 alunos produziu 8 videoclipes que foram apresentados e discutidos pelos grupos em sala de aula<sup>10</sup>. Os autores socializaram suas experiências evidenciando como, para que e por que optaram por aquela determinada seleção visual, suas aprendizagens, dificuldades e prazeres ao longo do processo. Ou seja, o produto da tradução palavra-imagem, nesta etapa, retorna a sua origem verbal numa nova tradução imagem-palavra que visa à explicação do processo de construção vivenciado pelos grupos.

Finalizado o trabalho, procedemos com a divulgação das produções na Feira do Livro, evento cultural anual da cidade, e postagem na Internet, no [www.youtube.com](http://www.youtube.com) e nas páginas individuais dos alunos no [www.orkut.com](http://www.orkut.com). A divulgação é fundamental para que o aluno perceba a importância e a abrangência do seu trabalho, da sua produção em equipe e sinta-se orgulhoso com isso. É importante esclarecer que essa etapa não alimenta apenas a vaidade do aluno, mas coloca-o na posição de mediador do conhecimento e, por isso, cobra-lhe responsabilidade com relação à produção escolar. Isso, numa escala projetiva, reflete-se na vida pessoal do aluno: na responsabilidade perante seus próprios atos ao longo da vida.

Por fim, para reafirmar e materializar o poder mediador da produção dos alunos-autores, as produções foram utilizadas como material pedagógico para a Aula 23 dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio e postadas no nosso blog de acompanhamento da matéria: [www.estudoliterario.blogspot.com](http://www.estudoliterario.blogspot.com).

Acredito que foi uma experiência muito importante na qual todos aprendemos uns com os outros e, por isso, é um prazer dividi-la com profissionais do saber interessados em ampliar suas possibilidades pedagógicas e com disponibilidade para ver através dos olhos de seus alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de estudos teóricos, da experiência relatada e de outros projetos pedagógicos de literatura e multimeios já desenvolvidos em sala de aula,

---

<sup>10</sup> Três videoclipes ainda não foram postados na Internet, a saber: Morena dos olhos d'água, Eu te amo e Cotidiano.

afirmamos que, diante do contexto visual no qual estamos inseridos, o ensino não pode se restringir ao texto verbal escrito. A imagem visual precisa ser uma aliada à imagem escrita e não sua concorrente no processo pedagógico.

Ensinar literatura é, sobretudo, ensinar a “ouvir”: um conjunto de intrincados procedimentos construtivos que se esconde sobre a superfície do texto literário e que nos causa uma série de reações sensíveis, intelectivas e psicológicas. A literatura funciona, portanto, como um poderoso estímulo à investigação e às novas descobertas devido à sua eterna abertura ao possível.

Sendo assim, o ensino da literatura beneficia-se com os multimeios porque eles permitem a tradução e recriação da obra literária em novos signos, ou seja, dão ao aluno a oportunidade de manipular o princípio fundador da literatura que é sua qualidade artística. Além disso, ao diminuir fronteiras entre aluno e autor, tais projetos atuam na formação do aluno leitor crítico diante do mundo contemporâneo. Colocando-o frente a situações de aprendizagem nas quais ele necessita manipular, moldar, selecionar e transfigurar palavras e imagens, o aluno passa a ser também autor-criador de novas e possíveis realidades.

São, portanto, projetos que estimulam o desenvolvimento integral do aluno, dando-lhe segurança e subsídios para expressar-se autonomamente através de uma produção própria, utilizando conscientemente os recursos da modernidade e, sobretudo, valorizando o texto literário escrito como ponto de partida, de chegada e lugar do possível.

Creemos que um projeto pedagógico só tem validade quando há o aprendizado e a transformação de todos os envolvidos: alunos, amigos de alunos, professores, pais, comunidade. Uma boa forma de avaliar a validade de um projeto é observar se o professor aprendeu algo novo com ele: quando aprendemos, estamos no caminho certo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- JAKOBSON, Roman. A dominante. In: LIMA, Luis Costa. (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 485-491.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papyrus, 1997.
- OLIVEIRA, Rui de. A arte de contar histórias por imagens. *Presença Pedagógica*, v. 4, n. 19, p. 60-74, jan./fev. 1998.

- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.
- PAZ, Octavio. *Traducción: literatura e literalidad*. Barcelona: Tusquets Editores, 1999, p. 9-27.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.